

## MODELOS ECONÔMICOS E CRISE AMBIENTAL

Adilson Schultz

**A catástrofe ambiental que assolou o Estado do Rio de Janeiro no início de 2011 e que matou dezenas de pessoas revela a face mais trágica do modelo econômico e social hegemônico no Brasil e no mundo:** a maioria das pessoas que morrem é composta de pobres e miseráveis que vivem em locais perigosos. Estima-se em 10 mil residências, cerca de 50 mil pessoas, o contingente de quem está em constante ameaça de vida por causa de chuvas fortes no Rio de Janeiro. Parece *Idade Média*, com a população submetida às forças da natureza.

**Episódios como esse do Rio de Janeiro tem se repetido ao redor do mundo, mostrando que nem só de geleiras derretendo, florestas queimando ou temperaturas em elevação vive a crise ambiental** denunciada pelos ecologistas, ONGs e governos. Tragédias como a do Rio de Janeiro mostram a face econômico-social da crise, exigindo uma mudança de rumo no modelo econômico mundial. Raramente os 20% da população que detém 80% da riqueza mundial são afetados por essas catástrofes. De repente, a crise ambiental vira coisa de pobre!

**Mudar o modelo econômico não é fácil, porque pressupõe atacar a base do sistema capitalista, sua alma, qual seja, a produção do desejo pelos bens de consumo – a produção da *mercadoria*.** Aí está o tendão de Aquiles da crise econômico ambiental – e aí diz respeito a todos/as nós, porque todos nós somos atacados pelo desejo de consumo veiculado na subjetividade capitalística. Somos todas escravizadas pelo credo neoliberal economicista da livre competição – em detrimento da cooperação solidário, o credo da primazia do indivíduo – em detrimento do interesse público e comum, o credo da força do tempo presente – em detrimento da preocupação com o futuro.

**É esse modelo de produção de desejo que domina as relações sociais de trabalho, sustentadas pelo lucro e pela exploração da força de trabalho.** Domina também muito do que fazemos e somos, desde o que vestimos até a carreira que escolhemos. Desejar ficar rico é *o negócio* do modelo econômico capitalista. Mesmo que as

evidências mostrem o contrário, muitos de nós vivemos a vida inteira com a ilusão do desejo capitalista da riqueza... A força do desejo é tão intensa, que muitas pessoas acreditam até que o modelo baseado na livre competição entre indivíduos e grupos é a solução de todos os problemas do mundo. O lucro privado e os ganhos individuais acabam sobrepondo-se a valores e interesses humanos e sociais relevantes como justiça, ética, igualdade.

**Mudar o modelo econômico pressupõe renúncias necessárias. São as nossas renúncias ao desejo do consumo que abrirão as perspectivas de futuro para as novas gerações.** Os números propalados pela crise ambiental e as situações cada vez mais comuns de catástrofes ambientais associadas à exclusão social não deixam alternativa a não ser mudar o estilo de vida e controlar a voracidade consumista que invade a muitos de nós. Em favor da coletividade e da sustentabilidade do planeta, teremos todos que, necessariamente, renunciar a certos prazeres e comodidades.

**Difícil tarefa essa da renúncia, sobretudo se levarmos em conta que estamos envolvidos por uma estrutura econômica que vive de produzir mais e mais desejos em nós.** Como renunciar se a ordem é consumir-e-consumir-e-consumir? Renúncia vira aí uma palavra *estraga-prazer* para quem finalmente se vê incluído no mercado de bens e consegue comprar, por exemplo, aquele celular mais moderno. Difícil tarefa essa de equilibrar a força do desejo e a necessidade da renúncia... Difícil deixar de pensar só em nós e pensar no planeta. Renunciar aí vira dom, e passamos a admirar pessoas que resistem e conseguem viver na simplicidade e na gentileza.

**Colocado em ordem planetária, o drama da renúncia seria assim: como convencer os chineses, diante de seu espetacular crescimento econômico, que eles jamais poderão consumir na mesma escala que os norte-americanos?** Colocado em ordem local, seria assim: Como convencer os moradores de favelas e aglomerados que eles jamais poderão produzir tanto lixo como o *povo do asfalto* nas nossas cidades? Porque simplesmente *não poderão*, pois o planeta não suportará.

**Curiosamente, no entanto, o drama ambiental poderá produzir uma mudança substancial no estilo de vida e reorientar o modelo econômico vigente. É a ecologia formatando a política, a economia e as idéias!** Parece que esse aspecto outrora relegado ao ambiente familiar, religioso e político é que finalmente salvará a

todos. Entra em crise a preocupação extremada com o presente e o bem-estar pessoal “aqui e agora” e vem à baila a preocupação com o futuro e o bem-estar social:

*Eu desejo o bem-estar para mim e para minha família, mas renuncio ao acúmulo de bens de dinheiro.*

*Eu desejo o progresso da sociedade, mas renuncio ao consumo de bens que poluem demais e destroem o meio ambiente.*

**As alternativas ao modelo capitalista de desenvolvimento falam em termos estranhos como “Economia Solidária” e “Crescimento com Sustentabilidade”, e até questionam: “Progresso? Será mesmo necessário? É isso que você verá nos dois textos indicados abaixo, que dão continuidade a essa aula:**

1. **Em uma página, o pensador-filósofo-teólogo Leonardo Boff mostra como o “Princípio do ganha-ganha” destrói as relações sociais e ambientais no mundo.** Consulte e baixe o texto em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=46653> .
2. **Em duas páginas o pensador-economista Marcus Eduardo de Oliveira propõe trocar a insanidade econômica pela economia solidária. Será mesmo possível?** Confira sua argumentação em [http://www.adital.com.br/hotsite\\_economia/noticia.asp?lang=PT&cod=44771](http://www.adital.com.br/hotsite_economia/noticia.asp?lang=PT&cod=44771)